

LETRAMENTO DIGITAL: ENTRE ELEMENTOS E DEBATES CONCEITUAIS

Eixo 04 - Cenários e tendências do Letramento e da Competência em Informação
(CoInfo)

Luiz Rafael dos Santos ANDRADE¹
Ronaldo Nunes LINHARES²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo pontuar como o conceito de letramento digital evoluiu até os dias atuais e tem ganhado destaque nas discussões relacionadas à educação em meio a uma sociedade hipermoderna. Buscamos relacionar, mediante uma pesquisa bibliográfica, por meio de um levantamento bibliográfico, as origens do termo letramento digital no Brasil, com base em estudos científicos desenvolvidos, bem como os relatórios globais da Unesco em torno dessa temática. Para isso, articulamos nossa reflexão sobre o letramento digital, baseados em uma leitura de mundo cada vez mais mediada pelas tecnologias digitais em suas relações sociais, pessoais e de construção de conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento digital; sociedade hipermoderna; mudanças conceituais.

ABSTRACT

This article aims to point out how the concept of digital literacy has evolved to the present day and has gained prominence in discussions related to education amidst a hypermodern society. We seek to relate, through bibliographical research, a bibliographical survey, the origins of the term digital literacy in Brazil, based on scientific studies developed, as well as the global reports of Unesco around this theme. For this, we articulate our reflection on digital literacy, based on a world reading increasingly mediated by digital technologies in their social, personal and knowledge-building relationships.

KEYWORDS: Digital literacy; hypermodern society; conceptual changes.

¹ Universidade Tiradentes-UNIT; mestrando em Educação, Bolsista Capes/FAPITEC do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Tiradentes. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa Comunicação, Educação e Sociedade (GECES); e-mail: andradeluzrafael@gmail.com

² Universidade Tiradentes-UNIT ; Doutor em Ciências da Comunicação-USP; Grupo de Pesquisa em Comunicação, Educação e Sociedade (GECES); e-mail: nuneslinhares.ronaldo8@gmail.com

1 Introdução

A proposta deste artigo surge com base em nossa percepção de uma sociedade que tem vivenciado a presença e os recorrentes avanços das tecnologias digitais, com frequência, em suas relações cotidianas pessoais e de construção de conhecimento.

Neste cenário de mudanças sociais advindas dessas tecnologias, a informação, base para a construção de conhecimento, também passa por consideráveis transformações em sua forma de ser comunicada. Esta, tem se aproximado da instantaneidade, por meio de suportes tecnológicos digitais que permitem a rápida troca e acesso à informação em nível global.

Por sua vez, essas transformações nos têm chamado a atenção para o fato de que os meios de comunicação, somados aos provedores de informação e tecnologias digitais, são suportes essenciais para ajudar o cidadão a tomar decisões conscientes ao longo da vida. Nas décadas finais do século XX e iniciais do século XXI, é impossível ignorar o quanto às Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) ganharam espaço e importância nas relações sociais no mundo; com destaque para a educação.

Políticas públicas de educação em diversos países, estudos científicos e relatórios internacionais têm aumentado e ratificado a importância de se discutir as TDIC na educação em esferas globais, regionais e locais – como exemplo, utilizaremos neste artigo os relatórios mais recentes da Unesco (2008; 2013; 2016), por percebemos uma gradativa e constante discussão da temática a que nos propomos pontuar nas publicações desta instituição.

Atualmente falar de exclusão digital, não se restringe exclusivamente à exclusão técnica, física e virtual. Ela também é de conhecimento. E esse conhecimento em uma sociedade é fundamentado na leitura de mundo dos sujeitos que dela fazem parte. Neste sentido, algumas questões surgem no sentido de entender: qual seria a nossa leitura de mundo atual? E como refletir sobre educação e suas competências com base nessa leitura de mundo?

Para buscar respostas a essas questões, tentamos pontuar o letramento digital em nossas pesquisas. Começamos pelo termo “letramento”, que surgiu há três décadas no Brasil, com base em aprimorar as experiências sobre uma nova perspectiva de prática

social de leitura e escrita. Hoje, como pensar a prática social da leitura e escrita, em que tem sido efetuada rotineiramente mediadas pelas TDIC, é um dos desafios no qual o letramento digital vem ganhando destaque em uma era que tem sua essência nas tecnologias as relações de aprendizagem, troca de informação, comunicação, leitura e escrita.

O letramento digital, neste cenário tecnológico, contempla não só às competências funcionais do uso das TDIC, mas também enfoca competências do seu uso consciente, criativo, social e crítico nas relações pessoais e de aprendizagem.

Neste contexto, por meio de uma pesquisa bibliográfica realizada com a palavra-chave “letramento digital”, nos buscadores científicos Scielo e Google Acadêmico, este artigo consiste em pontuar como o conceito de letramento digital tem evoluído, e como seus elementos têm ganhado destaque nas discussões relacionadas à educação nos dias atuais, em meio uma sociedade hipermoderna.

Para isso, durante a pesquisa bibliográfica consideramos trabalhos científicos que abordassem a definição de letramento digital, com um marco temporal estabelecido entre os anos 80 do século XX, momento marcado pelo início da discursão deste tema em nível internacional, até o ano de nossas buscas em 2016. Durante a organização das discussões, optamos por utilizar os trabalhos científicos pesquisados que nos ajudassem a delinear reflexões acerca do letramento digital. Para essa discussão também utilizamos como base relatórios nacionais (COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL, 2016a; 2016b) e internacionais (UNESCO, 2008; 2013; 2016 & BANCO INTERNACIONAL, 2016).

2 O “letramento”, os “letramentos” e o “letramento digital”

Segundo Soares (2014), **letramento** é uma palavra do vocabulário da Educação e das Ciências Linguísticas, tendo sua origem por especialistas dessas áreas na segunda metade dos anos 80 do século XX, trazendo o livro organizado por Ângela Kleiman (1995): “*Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*”, como um dos exemplos de perceber o processo de letramento como uma prática social da escrita.

A palavra letramento pode ser considerada, de acordo com Soares (2014), uma versão traduzida para a língua portuguesa da palavra da língua inglesa *literacy*, que em sua etimologia remete ao latim *litera* (letra), e seu sufixo – *cy*, que denota qualidade, condição, estado e fato de ser. Em linguajar português, com o sufixo – *mento*, denota o resultado de uma ação, como neste caso de letramento, resultado da ação de *letrar*.

No dicionário on-line *Oxford Living Dictionaries*³, o vocábulo *literacy* é definido como “competência ou conhecimento em uma área específica”⁴. Em português, definida pelo dicionário on-line Aurélio⁵, a palavra letramento é entendida como a “Capacidade de ler e de escrever ou de interpretar o que se escreve”. Em sua definição pelo dicionário inglês, o letramento (*Literacy*) é compreendido como uma competência que não está exclusivamente vinculada à capacidade de ler e de escrever ou de interpretar o que se escreve, mas além dessa habilidade, essencialmente dotar-se de competência ou conhecimento de uma determinada área que não necessariamente esteja atrelada as letras, diferentemente do termo definido pelo dicionário brasileiro.

Na relação citada acima, Soares (2014), pesquisadora brasileira, reforça o termo definido pelo dicionário nacional ao reafirmar que o letramento é resultante da ação direta de ensinar ou também de aprender a ler e escrever, sendo o estado ou condição que adquire um determinado grupo social ou um único sujeito como consequência de ter se apropriado da escrita.

Em uma sociedade que entendemos neste trabalho como “hipermoderna”, compreendida por Lipovetsky (2016, p. 31) como uma sociedade de relações em que “A economia dos serviços e a sociedade de informação estão agora intimamente ligadas e constituem aquilo a que por vezes se chama o capitalismo imaterial”, fazendo com que “Dos bens materiais aos serviços, é a ordem do ligeiro que redesenha as nossas economias”.

Nessa sociedade caracterizada pelo ligeiro até mesmo nas suas relações econômicas, considera-se também que “[...] o princípio da aceleração é reforçado por outro princípio, o princípio da leveza” (LIPOVETSKY, 2016, p. 115). Neste momento, “Assistimos agora a uma terceira etapa, impulsionada pela revolução da alta tecnologia

³ Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/definition/literacy>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

⁴ Nossa tradução de “*Competence or knowledge in a specified area*”.

⁵ Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/letramento>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

eletrônica e digital, criando uma leveza móvel libertada dos pesos espaço-temporais” (LIPOVETSKY, 2016, p. 35).

Neste contexto social exposto, a relação entre leitura e escrita, bem como seus suportes, modificam-se e adaptam-se constantemente ao digital. Segundo Soares (2002), cada uma dessas tecnologias tem efeitos sociais, cognitivos e discursivos determinantes ao letramento, resultando em modalidades diferentes, o que sugere que esta palavra seja pluralizada, de modo que há **letramentos**, não letramento.

Sendo assim, quanto ao letramento e aos letramentos, cabe destacar a importância da leitura de mundo em uma sociedade mediada pelas TDIC. Remetemo-nos a Paulo Freire (1989) que, ao descrever sua história de início nos manejos da leitura e escrita nos traz uma importante reflexão, preconiza a necessidade de primeiramente lermos não só as palavras/símbolos expostas na lousa ou quadro negro, mas de lermos o nosso mundo, um mundo que nos move, que nos impulsiona e nos motiva a aprender, de modo que “[...] a leitura de mundo precede a da palavra” (FREIRE, 1989, p. 11).

Portanto, se torna essencial que o mundo atual seja lido. Sobretudo ao se discutir um sentido de letramentos que as mudanças sociais – em especial as digitais – impulsionam as transformações e inovações.

Em países desenvolvidos, conforme dados do *Relatório sobre o desenvolvimento internacional*⁶, do Banco Mundial (2016), há um maior número de domicílios que dispõe mais do celular do que de acesso à eletricidade ou à água potável, de forma que, ainda segundo o relatório, quase 70% do quinto mais pobre da população desses países têm celular⁷. Quando o tema é Internet, o acesso mais do que triplicou em uma década, passando de um bilhão em 2005, para 3,2 bilhões em 2015 (BANCO MUNDIAL, 2016).

⁶ The World Bank. *International Bank for Reconstruction and Development*. Washington: DC, 2016. Disponível em: <<http://documents.worldbank.org/curated/pt/788831468179643665/pdf/102724-WDR-WDR2016Overview-PORTUGUESE-WebResBox-394840B-OUO-9.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

⁷ Ao discutir o celular e suas características exclusivas da sociedade hipermoderna, Lipovetsky (2016, p. 124), afirma que estes dispositivos são “[...] cada vez mais com menos volume e peso, cada vez com mais mobilidade e mais capacidades: estima-se que um smartphone tem agora tanta capacidade de cálculo quanto os computadores da NASA que permitiram os primeiros passos do homem na Lua em 1969”, sendo que, desse modo, “A leveza do objeto ligado supera agora a questão do seu peso: remete para a multitude de funcionalidades que realiza em relação ao seu peso ultraleve”.

No Brasil a cada ano um número maior de brasileiros utilizam a Internet e habitualmente estão se apropriando dos dispositivos móveis como meios de comunicação em diversificados contextos da vida: trabalho, estudos, relacionamento, consumo etc.

Nesse contexto os dados do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI, 2016a)⁸ apontam que, entre as crianças e adolescentes em idade escolar, 80% dos jovens de 9 e 17 anos que participaram da pesquisa já são usuários da Internet, e, se levado em conta a plataforma de acesso a esta rede, 78% deste universo, acessa pelo celular. Ainda segundo o CGI (2016a, p. 28), o uso desses dispositivos, bem como o acesso à redes de banda larga por parte desses sujeitos, “tem implicações sociais e cognitivas importantes na vida das crianças no contexto escolar”, no sentido de que a relação de socialização com a escola tem passado por transformações.

Ainda na conjuntura de mudanças sociais e educacionais citada acima, não é exclusividade dos jovens. De acordo com dados do Comitê Gestor da Internet no Brasil para a educação (CGI, 2016b)⁹, de 2014 para 2015, o percentual de professores que utilizam o celular para acessar à Internet subiu de 66% para 85%, e a adoção desse dispositivo em atividades com os alunos foi algo relatado por 39% dos professores, ratificando que os atores da educação – professor e alunos – têm cada vez mais se apropriado das TDIC em seus cotidianos de ensino e aprendizagem.

Diante de consideráveis mudanças tecnológicas digitais na sociedade – inclusive na educação. Concordamos com Freire (1989, p. 19) que o que se coloca como questão principal nesta discussão é “[...] uma leitura mais rigorosa do mundo”. É com base nesse pensamento que buscaremos “ler” algumas das discussões sobre a importância e a necessidade do **letramento digital** na educação de uma sociedade que, com o passar dos anos, aumenta suas estatísticas no uso das TDIC.

⁸ COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL - CGI.br. *Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil - TIC Kids Online Brasil 2015*. Coord. Alexandre F. Barbosa. São Paulo: CGI.br, 2016a. Disponível em: <<http://cetic.br/pesquisa/kids-online/>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

⁹ COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL - CGI.br. *Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras*. Coord. Alexandre F. Barbosa. São Paulo: CGI.br, 2016b. Disponível em: <http://www.cgi.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_Edu_2015_LIVRO_ELETRONICO.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2016.

Goodson e Mangan (1996) apontam que a expressão “letramento digital” com frequência é mal definida em seu objetivo geral ou em termos do que implica. Chamando-nos atenção para as discussões que foram e estão sendo feitas em torno deste termo por pesquisadores em nível mundial e seus diferentes pontos de vista.

Na Inglaterra, Buckingham (2010, p. 47) assinala que a noção de “letramento digital” não é recente e exclusiva do século XXI, e que “Na verdade, os argumentos em favor do letramento computacional voltam pelo menos aos anos 1980”.

Buckingham (2010) ainda acrescenta que para que o letramento digital contemple não só as competências funcionais de uso da informação na Internet, mas reconheça os aspectos simbólicos ou persuasivos da mídia digital, bem como das dimensões emocionais de nossos usos e interpretações na relação entre mídia digital e informação. É neste sentido que, para este autor, letramento digital “[...] é bem mais do que uma questão funcional de aprender a usar o computador e o teclado, ou fazer pesquisas na web, ainda que seja claro que é preciso começar com o básico” (BUCKIGHAM, 2010, p. 49).

No Brasil, em acordo com pesquisas que fizemos nos buscadores científicos Scielo e Google Acadêmico, destacamos o fato de que as primeiras discussões sobre o letramento digital no Brasil centram-se no início do século XXI, em que alguns pesquisadores citados abaixo percebem a necessidade de definir um tipo de “letramento” entre os “letramentos”, que irá se dedicar em analisar os fenômenos de leitura e da escrita no âmbito digital.

Em seus estudos sobre o letramento digital, Soares (2002) define o termo como sendo um determinado estado de quem se apropria da “[...] nova tecnologia digital” e exerce práticas de leitura e escrita “[...] na tela, diferente do estado ou condição do letramento dos que exercem práticas de leitura e escrita no papel” (SOARES, 2002, p. 151). Coscarelli e Ribeiro (2005, p. 9) também definem o letramento digital como a “ampliação do leque de possibilidades de contato com a escrita também em ambiente digital (tanto para ler quanto para escrever)”. Além desses autores, outros podem ser destacados nessa discussão no sentido de melhor compreensão sobre este tipo de letramento:

AUTOR	LETRAMENTO DIGITAL
Serim (2002)	“[...] usar a tecnologia digital, ferramentas de comunicação, e/ou redes para acessar, gerenciar, integrar, avaliar, e criar informação para funcionar em uma sociedade de conhecimento”
Cesarini (2004)	No campo da informação “[...] uma série de habilidades que requer dos indivíduos reconhecer quando a informação faz-se necessária e ter a habilidade de localizar, avaliar, e usar efetivamente a informação necessária”. No campo das ferramentas tecnológicas “[...] aprendizagem mecânica de aplicações de <i>hardware</i> e <i>software</i> específicas”
Souza (2007) cita Departamento de Educação dos Estados Unidos (1996)	“[...] a habilidade de usar computadores e outras tecnologias para melhorar a aprendizagem, produtividade e performance”
Souza (2007) cita Nova Zelândia	“[...] a habilidade de usar tecnologia digital, ferramentas de comunicação ou redes de contato para localizar, avaliar, usar e criar informação”
Selfe (1999, p.11)	“[...] uma complexa série de valores, práticas e habilidades situados social e culturalmente envolvidos em operar lingüisticamente dentro de um contexto de ambientes eletrônicos, que incluem leitura, escrita e comunicação... Nesse contexto, letramento digital refere-se aos contextos social e cultural para discurso e comunicação, bem como os produtos e práticas lingüísticos e sociais de comunicação, e os modos pelos quais os ambientes de comunicação têm se tornado partes essenciais de nosso entendimento cultural do que significa ser letrado”
Gilster (1997)	“[...] habilidade de entender e usar informação em formatos múltiplos de uma vasta gama de fontes quando esta é apresentada via computadores” (p. 1)
Buzato (2006, p. 16)	“Letramentos digitais (LDs) são conjuntos de letramentos (práticas sociais) que se apóiam, entrelaçam, e apropriam mútua e continuamente por meio de dispositivos digitais para finalidades específicas, tanto em contextos socioculturais geograficamente e temporalmente limitados, quanto naqueles construídos pela interação mediada eletronicamente”
Freitas (2010)	“[...] o conjunto de competências necessárias para que um indivíduo entenda e use a informação de maneira crítica e estratégica, em formatos múltiplos, vinda de variadas fontes e apresentada por meio do computador-internet, sendo capaz de atingir seus objetivos, muitas vezes compartilhados social e culturalmente.”

Quadro 1 – Alguns autores que definiram o letramento digital

Fonte: Elaboração própria

Os pesquisadores e instituições expostos acima, buscaram conceituar o letramento digital, nos levando a conclusão de que este conceito passou por mudanças em sua compreensão ao longo dos anos. Do final do século XX, ao início do XXI, é

considerável as transformações nos objetivos esperados no qual passou o conceito de **letramento digital**.

Essas mudanças conceituais estiveram em concordância com as sociais e tecnológicas em determinadas épocas, impulsionando uma nova forma de pensar este conceito em uma sociedade hipermoderna e compreendê-lo como uma etapa posterior e necessária ao ato de alfabetizar digitalmente.

Do *Quadro 1*, concordamos com a definição sobre letramento digital proposta pelo Departamento de Educação dos Estados Unidos (1996), por se aproximar das práticas de letramento digital que são destinadas a usar das habilidades nas TDIC (essas habilidades podem ser relacionadas à informação, dados e uso técnico das tecnologias) para aprimorar a aprendizagem ou performance no ambiente social e de trabalho.

Na sociedade hipermoderna, os sujeitos podem até ter acesso imediato e instantâneo à muitas informações por meio das TDIC, mas a informação bruta, em si, não pode ser entendida como sinônimo de conhecimento (LIPOVETSKY, 2016).

Ainda tendo em vista o cenário social atual, concordamos com Souza (2007) que tem sido uma tarefa complexa e ampla determinar quem é letrado no campo das tecnologias digitais, haja vista que o letramento digital não inclui apenas o conhecimento técnico sobre o uso das TDIC, mas também um conhecimento crítico e consciente desse uso.

Pereira (2013) reforça essa ideia ao afirmar que o sentido do letramento digital não cabe somente ligar-se no processo formativo às questões técnicas no manuseio das TDIC em competências meramente funcionais, mas, evidentemente dar sentido de criar e compartilhar conhecimento no mundo digital.

Podemos afirmar que as TDIC têm contribuído para transformar as práticas de consumo de informação, o uso das mídias, a formação para o mundo do trabalho e os processos de ensino e aprendizagem dentro e fora da escola. Estas transformações e a rapidez com que vem acontecendo, trouxeram dificuldades e desafios no cotidiano, no mundo do trabalho e espaços de construção de ensino e aprendizagem.

Entendemos, nesse sentido, que no século XXI o letramento digital deve ser compreendido, como habilidades que, além das competências funcionais de uso das TDIC, sejam competências para o progresso cognitivo nestes espaços digitais.

Letramento digital: a perspectiva da Unesco

Diante do que foi visto, em poucos anos o conceito de letramento evoluiu de forma a se disseminar em uma gama de letramentos, e, recentemente o **letramento digital** com o advento das TDIC em nossas relações cotidianas. No decorrer desta trajetória, percebemos nos relatórios da Unesco (2008; 2013; 2016) uma determinada continuidade das discussões conceituais e de prática sobre o letramento para às mídias digitais no contexto da educação em nível global.

De acordo com a Unesco (2008), a evolução deste conceito implica mudança nos padrões sociopolíticos, econômicos e tecnológicos, bem como pode-se destacar também as demandas no local de trabalho, educação, relações pessoais e na sociedade em geral.

Antes de pontuarmos algumas das competências que a Unesco entende por um sujeito letrado digitalmente, salientamos que em suas publicações na língua inglesa, ao discutir sobre esta temática, a Unesco utiliza a expressão “*Media and information literacy*” e, para a versão em português, “Alfabetização midiática e informacional”. Como já vimos na primeira seção deste artigo, “letramento” é uma tradução de “literacy” (SOARES, 2014). E assim o entendemos.

A Unesco em seus relatórios traduzidos para o português de 2013 “*Alfabetização midiática e informacional: currículo para a formação de professores*” e de 2016 “*Marco da Avaliação Global da Alfabetização Midiática e Informacional*”, destaca, em ambas as publicações (2013, p. 18; 2016, p. 25), uma nota explicativa que no Brasil:

[...] os termos alfabetização e letramento são usados em referência a habilidades de leitura e escrita. Este documento não irá tratar das nuances dessas duas expressões. Os editores optaram pelo termo alfabetização, para aproximar-se da expressão que tem sido usada em língua espanhola e praticada na Espanha e em países da América: alfabetización informacional, ou ALFIN.

Como a Unesco justifica utilizar o termo “alfabetização” apenas por se aproximar da expressão “*alfabetización informacional*” utilizada na Espanha e em países do continente americano, optamos por utilizar o termo “letramento” neste artigo, por concordamos e, além disso, levamos em consideração que ambos os termos têm suas nuances, nas quais: segundo Soares (2014, p. 36) “[...] a pessoa que aprende a ler e

a escrever – que se torna alfabetizada – e que passa a fazer uso da leitura e da escrita, a envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita – que se torna letrada”.

Ademais, de acordo com a leitura de mundo na atual sociedade, os sujeitos que sabem utilizar as TDIC para ler e escrever em diferentes suportes e linguagens midiáticas podem ser compreendidos como “alfabetizados digitalmente”, mas os que além dessas competências, utilizam das leituras e escritas midiáticas digitais para envolver-se nas práticas sociais com a habilidade de usar essas tecnologias para melhorar a sua aprendizagem, produtividade, performance e utilização das informações de maneira crítica e estratégica em formatos múltiplos por meio das TDIC, podem ser compreendidos como “letrados digitalmente”.

Sobre essa relação entre alfabetização digital e letramento digital, Buckingham (2010, p. 49) menciona o exemplo de que

[...] as crianças precisam saber como localizar e selecionar o material – como usar os navegadores, hyperlinks, os mecanismos de procura etc. Mas parar por aí é confinar o letramento digital a uma forma de letramento instrumental ou funcional: as habilidades que as crianças precisam em relação à mídia digital não são só para a recuperação de informação. Como com a imprensa, elas também precisam ser capazes de avaliar e usar a informação de forma crítica se quiserem transformá-la em conhecimento.

Entre as principais competências da *Media and Information literacy (MIL)* destacadas pela Unesco (2016), citamos algumas dessas que são caracterizadas no sentido de que a MIL

- Fornece uma estrutura abrangente para a produção de uma massa crítica, entre todos os cidadãos, de competências do século XXI necessárias para responder os novos desafios, riscos, às novas ameaças e oportunidades, considerando a influência significativa da informação, mídia e TIC em todas as esferas da vida pessoal, social e profissional.

[...]

Ajuda a aumentar a conscientização, o entendimento e o conhecimento referentes às funções das mídias e dos provedores de informação em sociedades democráticas; fornece entendimento sobre as condições exigidas para realizar essas funções de maneira efetiva e responsável.

[...]

Melhora o processo de ensino e aprendizagem fornecido pelos professores a jovens cidadãos, ajudando-os a tornarem-se

pensadores independentes, críticos e reflexivos e trabalhadores do conhecimento criativos e efetivos (UNESCO, 2016, p. 35).

São benefícios como esses, citados pela Unesco (2016), que nos conduzem a pensar essas articulações propostas, como um processo de letramento. Portanto, tratamos e entendemos neste texto, todas as referências à “*literacy*” e “alfabetização” nos documentos da Unesco como “letramento”.

A Unesco (2016, p. 28-29) ainda ratifica que no final do século XX, o letramento informacional e o midiático foram considerados campos distintos e que somente nos primeiros anos do século XXI esses campos estão se aproximando e direcionando inúmeros estudos, conferências e oficinas à definir o escopo do letramento em tecnologias da informação e comunicação e do letramento digital. Ratificando a importância de se pensar, por parte de pesquisadores e especialistas de todo o mundo, processos formativos que desenvolvam competências nos cidadãos para saber como se portar frente uma sociedade que tem se direcionado, em sua essência às relações sociais digitais.

Considerações Finais

Consideramos, que a leitura de mundo dessa sociedade está posta em um cenário que as TDIC se tornam importantes nas relações de aprendizagem, ensino, profissionalização e relação social, implicando que as práticas de ensino e aprendizagem sejam pensadas nesta situação atual.

No contexto da educação, essas tecnologias têm impulsionado mudanças significativas em metodologias de ensino/aprendizagem, estruturas físicas e no vocabulário educacional, em especial no que se refere a conceitos como o “letramento”. No caso do letramento, este tem se convertido em “letramentos”, e, em uma sociedade cada vez mais digitalizada e de construção de conhecimento neste meio, o “letramento digital”.

Percebemos que o conceito de letramento digital passou por mudanças que estiveram em concordância com as demandas e tecnologias de um determinado cenário tecnológico. Hoje, em uma sociedade compreendida por nós como hipermoderna, caracterizada cada vez mais pelos seus avanços tecnológicos digitais, o conceito de

letramento digital mais uma vez muda, e passa a ser visto como um conjunto de competências ao usar das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) em suas estruturas fixas e principalmente móveis, para compreender criticamente a informação disponível e além do uso técnico, usar as TDIC conscientemente para aprimorar ou construir conhecimento individual e colaborativo.

Concordamos com as competências apontadas pela Unesco sobre o sujeito que passa pelo processo formativo em *Media and information Literacy*, e percebemos que a aquisição desses benefícios é uma formação por etapas: que deve passar pela alfabetização digital, terminando no letramento digital, pois, o sujeito letrado digitalmente, é o sujeito que vive suas relações cotidianas em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever por meio das mídias informacionais digitais, mas aquele que usa socialmente essa competência de forma prática e crítica, empoderando-se na utilização desses suportes e informações de forma consciente.

Referências

- BUCKINGHAM, D. Cultura Digital, Educação Midiática e o Lugar da Escolarização. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 37-58, set./dez., 2010. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>. Acesso em: 11 nov. 2016.
- BUZATO, M. K. Sobre a necessidade de letramento eletrônico na formação de professores: o caso Teresa. In: Cabral, L.G; Souza, P.; Lopes, R.E.V.; Pagotto, E.G. (Org.). **Linguística e ensino: novas tecnologias**. Blumenau: Nova Letra, 2001. p. 229-267.
- COSCARELLI, C.; RIBEIRO, A. (Orgs.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23 ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- FREITAS, M. **Letramento digital e formação de professores**. Educação em Revista, Belo Horizonte, v.26, n.03, p.335-352, dez. 2010.
- LIPOVETSKY, G. **Da leveza para uma civilização do ligeiro**. Tradução: Pedro Eloi Duarte. Extra coleção, 2016.
- GILSTER, P. **Digital literacy**. New York: John Wiley & Sons, Inc., 1997.
- GOODSON, I.; MANGAN, M. Computer literacy as ideology. **British Journal of Sociology of Education**, v.17, n.1, p. 65-79, 1996.
- SERIM, F. **The importance of contemporary literacy in the digital age: a response to digital transformation: a framework for information communication technologies (ICT) literacy**. Mensagem postada em The Big 6: information skills for student achievement em 10 maio 2002.
- SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81 p. 143-160, dez. 2002.
- SOUZA, V. Letramento digital e formação de professores. **Revista Língua Escrita**, n. 2, p. 55-69, 2007.
- PEREIRA, L. **Literacia Digital e Políticas Tecnológicas para a Educação**. 1ª Edição, Santo Tirso, 2013.
- UNESCO. **Global literacy challenge: a profile of youth and adult literacy at the mid-point of the United Nations Literacy Decade 2003-2012**. Paris, 2008. Disponível em:

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0016/001631/163170e.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

UNESCO. **Marco de Avaliação Global da Alfabetização Midiática e Informacional (AMI)**: disposição e competências do país. Brasília: UNESCO, Cetic.br, 2016. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002463/246385por.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

WILSON, C. et al. **Alfabetização midiática e informacional**: currículo para formação de professores. Brasília: UNESCO, UFTM, 194 p. 2013. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002204/220418por.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2014.